

Burke e Hare, ladrões de corpos do século XIX

Se você estiver passeando em Edinburg e por acaso visitar o cemitério, poderá ver que alguns túmulos antigos são protegidos por grades de ferro. Essas grades foram colocadas para evitar que os corpos fossem roubados. No início do século XIX, com o aumento das escolas de medicina e do número de estudantes, houve um aumento na necessidade de cadáveres para as aulas de dissecação. Essas aulas podiam ser ministradas por anatomistas ligados às escolas de medicina ou por profissionais privados em troca de pagamentos feitos pelos estudantes.

Em princípio, os corpos dissecados eram de condenados à morte, mas no início desse século, paralelamente ao aumento da demanda, o rigor das condenações à morte caiu, criando dificuldades na obtenção de corpos para as aulas de anatomia. Como consequência surgiu uma nova atividade para resolver essa demanda: os ladrões de corpos que, em inglês, eram denominados de *body snatchers* ou *resurrectionists*. Esses ladrões desenvolveram, inclusive, técnicas para evitar que os familiares percebessem que os corpos de seus parentes tinham sido roubados e vendidos para as escolas de medicina ou anatomistas privados. Usavam pás de madeira, pois elas faziam menos barulho e cavavam um pouco antes da cabeceira do túmulo. Abriam o caixão, amarravam uma corda no pescoço do falecido e o puxavam para fora sem perturbar a aparência do túmulo.

Essa prática foi bem difundida em várias partes do mundo e mesmo Vesálio se valeu de roubos de cadáveres. Um desses ressurrecionistas confessou que chegou a vender entre 500 a 1 mil corpos obtidos

dessa forma. Conforme os recursos, as famílias protegiam os túmulos com grades de ferro ou contratavam vigilantes por um período até que o corpo não fosse mais viável para as dissecações.

William Burke (1792-1829) e William Hare (1792 ou 1804 - morte?), dois irlandeses originários da região de Ulster, no Norte da Irlanda, resolveram inovar: ao invés de roubar os corpos dos túmulos passaram a assassinar e vender os cadáveres para as aulas de anatomia. Burke deixou a mulher e dois filhos e emigrou para Edinburg em 1817, onde começou a trabalhar no Union Canal. Pouco tempo depois, amigou com Helen McDougal. No trabalho conheceu Hare, que também trabalhava no Union Canal e era amasiado com uma viúva, Margaret Laird, proprietária de uma hospedaria para andarilhos e mendigos. Burke e Helen, algum tempo depois, mudaram-se para perto da hospedaria de Margaret.

O primeiro corpo que eles venderam foi de um militar aposentado e que morreu na hospedaria por causas naturais, em fins de novembro de 1827. Como o hóspede devia uma quantia alta para a época (quatro libras), ao invés de enterrá-lo, procuraram vendê-lo para a faculdade de medicina. Na transação eles foram encaminhados para um médico anatomista privado, Robert Knox (1793-1862), que ganhava muito dinheiro fazendo demonstrações para os estudantes de medicina.





William Burke e William Hare.
Autor desconhecido.

Receberam a quantia de sete libras e dez shillings. Além de ser quase o dobro da dívida, era uma soma incrível (nos dias de hoje equivaleria a \$ 1200). Com o tipo de trabalho que eles faziam no Union Canal, precisariam trabalhar quase um ano para ganharem isso. O primeiro assassinato ocorreu no fim de janeiro. Outro hóspede adoeceu, mas o tempo passava e ele não falecia. Resolveram, então, acelerar o processo e o mataram com a técnica que usariam em quase todas as outras vítimas: primeiro embebedaram e depois asfixiaram. Essa forma de matar não mostrava, na época, que a pessoa tinha sido assassinada. Venderam o corpo para o mesmo médico por dez libras. Aí então ficaram gananciosos.

De janeiro a outubro de 1828, eles mataram 16 pessoas: 12 mulheres, um adolescente cego, um deficiente mental com pé torto, e dois homens. Estima-se que tenham conseguido em torno de 120 libras. Uma prostituta e o deficiente mental chegaram a ser reconhecidos por alguns estudantes. A denúncia contra eles aconteceu no final de outubro, quando um casal que havia se hospedado veio atrás de roupas que haviam esquecido. Já havia um corpo de uma mulher escondido e que tinha conhecido esses dois, e a dona da hospedaria disse que ela havia ido embora. O casal encontrou o corpo sob uma cama e denunciaram para a polícia. Quando a polícia chegou, o corpo já havia sumido. Mesmo assim, os quatro foram presos. Como não havia provas

suficientes para a condenação, a promotoria fez um acordo de delação premiada com Hare e este não foi processado.

O julgamento de Burke foi realizado no Natal de 1828 e ele foi executado no final de janeiro de 1829. Seu corpo foi encaminhado para dissecação. Seu esqueleto encontra-se exposto no Museu de Anatomia da Universidade de Edinburgo, Escócia. Tanto Hare como as duas mulheres não foram processados e saíram livres, mas tiveram que fugir da cidade, pois eram perseguidos em qualquer lugar que iam. Seus destinos são incertos, mas sugere-se que Hare morreu cego como mendigo em Londres. O doutor Knox não foi sequer indiciado, mas seu prestígio ficou abalado e ele acabou mudando para Londres, onde exerceu a clínica com bastante sucesso. Publicou vários livros e escreveu artigos para jornais.



Esqueleto de William Burke

Em 1831, três pessoas em Londres foram julgadas por matarem mendigos e venderem os corpos para as faculdades de medicina. Ficaram conhecidas como *London Burkers*, em associação ao nome de W. Burke. Também, no mesmo ano, uma mulher matou uma amiga e vendeu o corpo. Essas mortes acabaram levando à aprovação de uma lei conhecida com *Anatomy Act*, de 1832. Essa lei estabelecia que os profissionais precisariam de licença para ensinar anatomia e dissecar os corpos, e os corpos deveriam ser acompanhados com a devida documentação sobre sua procedência.

A história dos dois irlandeses foi bastante explorada na literatura, na televisão e no cinema. Em tempo: se você estiver passeando por Edinburgo, dê uma passada no pub Burke&Hare. 🏠